

ALGUNS PERCURSOS EM TORNO DA SOBRESCRITA

Ms. Henrique Furtado de MELO (PG – UEL/ Fundação Araucária)¹²

RESUMO: Nos últimos anos, sob o auxílio e orientação das professoras Maria Carolina de Godoy e Sheila Oliveira Lima, vimos traçando pesquisas e escritos em busca de compreendermos processos de mediação, leitura e contato com a arte em movimento, compartilhamento. Temos visto esses processos como essenciais ao equilíbrio psicológico e social humano, assim como já apontava Antonio Candido (1995). O afeto e a subjetividade compõem aspectos de sumária importância em nossos estudos, sendo imprescindíveis para entendermos processos essenciais nos percursos de formação de leitores. Para além da formação de leitores, nosso trabalho tem se voltado para o alinhavar de esboços de caminhos na apreensão de funções emancipatórias e de retomada de poder sobre meios de produção de subjetividades a partir do contato com a arte em movimento, compartilhada. Nesse percurso, temos trabalhado no intuito de desenvolver o conceito de sobrescrita, pelo qual passamos rapidamente em nossos trabalhos de mestrado. A presente fala tenciona resgatar pistas ao redor do sistema de sobrescrita.

Palavras-chave: sobrescrita; mediação artística; subjetividade; formação de leitores.

¹² furtado.henrique@live.com

PASTOREAR LITERATURA

A fala que eu preparei para hoje vem de uma pesquisa que eu tenho desenvolvido desde 2013, junto das professoras Sheila Oliveira Lima e Maria Carolina da Godoy, ambas da UEL. Sendo assim, minha fala vai trazer um pouco das minhas experiências de pesquisa desde o início, para que eu possa traçar algumas reflexões sobre o que eu tenho trabalhado no doutorado.

Sem mais rodeios: durante algum tempo eu trabalhei numa penitenciária de Londrina. Fui mediador de leitura bolsista da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, pelo projeto “Remição pela Leitura”, que atualmente, na penitenciária onde trabalhei, está sob responsabilidade da professora Maria Aparecida Batista Ferreira, que participa da mesa redonda de hoje à noite.

Durante minha atuação na penitenciária, para além do projeto “Remição pela Leitura”, com apoio da professora Sheila, eu passei a fazer um trabalho mais empenhado na formação de leitores, envolvendo atividades mais variadas do que apenas leitura e resenha de romance, que é o que está previsto na lei do projeto “Remição pela Leitura”.

Levei um documentário biográfico sobre Vinícius de Moraes, chamado *Vinícius* (FARIA JR., 2005), lemos alguns poemas dele e assistimos ao filme juntos. Após o trabalho os rapazes escreveram sobre a experiência. O filme alterna entre depoimentos, uma narrativa que segue a vida do autor, e poemas recitados, canções de Vinícius. Os textos e falas dos apenados, de todos eles, deslizaram entre poesia, canção, a vida de Vinícius e memórias pessoais – recordações de pré-cárcere.

“Vinícius era como um pastor de literatura, que cultivava poema e colhe poesia” (LIMA; MELO, 2013). Esse é um exemplo de coisas que eu li nos textos dos meninos. A distinção que o apenado faz entre poema e poesia chama atenção. Vinícius cultivava poema e colhia poesia. De onde ele colhia poesia? O documentário alterna entre



poemas e a vida do autor. E a narrativa do filme se embrenha por entre fragmentos da matéria de criação da poesia. E que matéria seria essa?

DO REFRÃO EU VIM, AO REFRÃO EU VOLTAREI

Walter Benjamin, no texto “Sobre alguns temas em Baudelaire” (1989), fala sobre o conceito de “duração”, de Bergson, como matéria de criação lírica. Eu não vou tratar, aqui, do conceito do Bergson. Eu cito porque a partir desse conceito Deleuze e Guattari elaboram uma compreensão da memória e da subjetividade em torno da ideia de ritornelos (GUATTARI, 1992 e DELEUZE; GUATTARI, 1997). Para simplificar, ritornelo é um termo com origem na notação musical. São símbolos que funcionam como parênteses para indicar que determinado trecho de uma partitura deverá ser repetido em algum momento. Às vezes essa repetição não é exatamente igual, há uma espécie de pano de fundo que se repete, mas alguma coisa muda: repetição da diferença. No volume quatro do *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari usam o exemplo de uma criança no escuro para falar da construção de territórios subjetivos, que tem a ver com o ritornelo, cito:

Tomada de medo, [a criança] tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela para, ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. Pode acontecer que a criança salta ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante. Há sempre uma sonoridade no fio de Ariadne. Ou o canto de Orfeu (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 116).

O ritmo da canção da criança constrói um chão sonoro sob os pés dela, colunas, limites, muros – tem um portãozinho nesse muro, dá pras coisas transitarem entre um dentro e um fora, e esse muro também nem é tão duro assim, já que “pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo em que canta”, o muro é feito de voz, então se a



criança se move, o muro também se move. Mas, de qualquer modo, o som da cançãozinha é o que constrói alcances de territórios subjetivos, matéria subjetiva, contorna uma ordem no caos, aquilo que eu sou a partir daquilo que eu construo num espaço que é meio-dentro, meio-fora de mim.

Esses refrães se acumulam na periferia da compreensão linear do tempo. Como assim? A partir do momento em que algo se torna um ritornelo em nós, em nossa memória, é como se esse algo sempre tivesse existido, porque ele modifica, como um filtro dos nossos sentidos, a forma como lemos a vida, tanto as memórias que se formam, quanto, por exemplo, uma memória bem lá de trás, de um passado muito anterior ao momento em que esse acontecimento-refrão acontece.

Para citar uma metáfora que eu acho bonita que a Suely Rolnik, colega de pesquisas do Guattari, usa, essas estacas de memória às quais sempre voltamos como refrães: são como ovos de linhas de tempos (ROLNIK, 1993). Quando quebramos as cascas dos ovos, retornando a eles, retornando a essas memórias-refrães que nos marcam e nos constituem enquanto indivíduos, desses ovos saem linhas possíveis de tempos, caminhos ou perspectivas, possibilidades de relermos todas as outras coisas que nos constituem, seguindo não mais uma linearidade temporal convencionalmente compreendida, de progressão reta de envelhecimento, do primeiro ao enésimo ano de idade. O presente muda o passado em nós, uma linha pode sair de hoje e ir “para trás”, nos fazendo ressignificar, por exemplo, nossa infância a partir de nossa velhice.

Certo, então Benjamin (1989) fala da “duração” enquanto matéria da criação lírica. Deleuze e Guattari pegam essa ideia de “duração”, elaboram uma compreensão dela como refrão, ritmo, ritornelo, que é então entendido enquanto matéria de criação subjetiva, de produção de territórios existenciais, matéria que me constitui enquanto indivíduo.

RESSIGNIFICAR A NARRATIVA DE VIDA

“Vinícius era como um pastor de literatura, que cultiva poema e colhe poesia” (LIMA; MELO, 2013), retornando ao texto do apenado que citei anteriormente. De onde Vinícius colhe poesia? Se entrelaçarmos as ideias que trouxemos de Benjamin (1989) e Deleuze e Guattari (1997), então a resposta talvez seria que a colheita da poesia se faz na “duração”. A matéria lírica se faria, então, a partir da massa mnemônica que “dura”, que permanece na periferia da compreensão linear do tempo. A matéria de onde o poeta colhe poesia, portanto, é uma espécie de refrão da memória, refrão subjetivo, fragmentos mnemônicos que permanecem em nós e modificam a forma como nós lemos o mundo e a nós mesmos.

Num dos artigos que Sheila e eu publicamos sobre o trabalho na penitenciária, nós registramos um pouco sobre como os apenados, contaminados pela linguagem poética da relação com o documentário, trazem nas suas falas releituras de suas narrativas de vida, renarram suas histórias e contatos com a família etc., se deixando levar pela linguagem poética, ou melhor, se apropriando dela. As análises mais apuradas desses textos e falas dos apenados não são minha matéria central agora, nesta fala. Caso haja interesse, essas análises estão publicadas em dois artigos, um na revista Via Atlântica, da USP (LIMA; MELO, 2015), e outro na revista Conexão, da UEPG (LIMA; MELO, 2013).

Certo, mas porque estou trazendo essas questões para a fala de hoje? Vou trazer um pouco mais daquele mesmo texto de um dos apenados para continuar com esse nosso percurso conceitual:

Vinicius era como um pastor de literatura que cultiva poema e colhe poesia que exala palavras, palavras que mechem com nossos coração e trás lágrimas, lágrimas gostosas. Vinicius eu poeta que nem se emportava com riquezas.

(Trecho de texto escrito por um dos apenados atendidos, grifo nosso).

A partir de um deslize ortográfico que guarda uma relação com a oralidade, o apenado aglutina o verbo na terceira pessoa do singular “é” ao artigo indefinido “um”, transformando o que provavelmente seria “é um poeta” em “eu poeta”. Isso, para além do deslize que vemos na superfície, aparece como uma das manifestações, que vimos em vários dos textos e falas dos apenados, de identificação do leitor com o poeta. Há, então, uma recolocação de si no mundo a partir de uma renarração da própria história de vida, algo que nós notamos ser muito persistente nesses trabalhos de mediação artística, e está um pouco mais detalhado nos nossos artigos que já citei. O apenado se lê na vida-poesia de Vinícius e, a partir disso, se ressignifica enquanto indivíduo. Afinal, como vimos anteriormente, há uma relação muito próxima entre a matéria de constituição lírica e a matéria mnemônica de produção de subjetividades.

Tendo esse percurso de compreensão do processo de leitura e mediação artística em mente, em que se lendo na arte o leitor se reescreve, podemos dar um passo à frente na direção do que temos buscado compreender em nossa pesquisa de doutorado, atualmente.

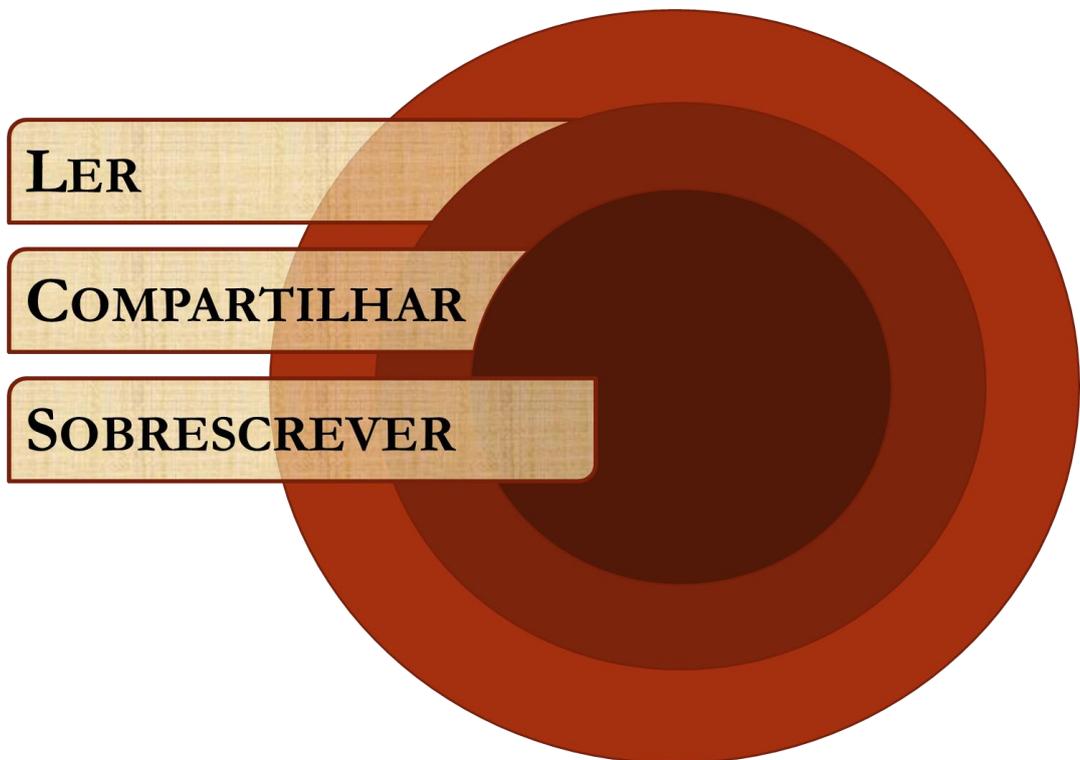
SOBRESCREVER

Durante meu trabalho, a partir dessa leitura de si na arte, os apenados renarravam suas histórias de vida para mim, misturando as próprias memórias à poesia, à literatura, ao cinema, à música. Nesse sentido, chegava a mim uma terceira coisa, nem só memória, nem só literatura: um trançado das duas coisas – não me era mais possível separar os dois elementos, é tudo uma coisa só, uma outra coisa, também artística, também expressiva, poética.

Diante dessa renarrativa sobreposta, foi que percebi um outro movimento. Desta vez eu, enquanto pesquisador, comecei a assistir a minha própria posição de um pretense sujeito diante de um objeto a ser observado se desmanchar. Vi eu mesmo,

mediador, lendo-me nessa coisa renarrada. A situação meio que se inverteu: os leitores-apeados é que estavam mediando, com o próprio corpo, voz e história deles, o meu contato com a arte. E então eu me voltei, assim como eles fizeram, para minha própria vida e pesquisa, para os meus próprios caminhos, memórias, refrães, e passei a um movimento de sobrescrever o meu corpo e a minha história a partir do corpo, da história e da expressão do outro, que só pôde nascer, ali, com a literatura em movimento, se projetando para fora dos suportes, transpassada pela relação de compartilhamento. Esse é o gatilho de minha pesquisa atual.

A partir dessas reflexões com relação à memória, a produção de subjetividades, o movimento de ressignificação de si a partir do contato com a matéria de *poiesis*, matéria de criação, e da minha própria experiência de ver a mediação se inverter e se confundir toda com a arte em movimento de compartilhamento, vislumbrei algo que me pareceu um sistema. Um emaranhado de relações que obrigatoriamente necessita da presença-movimento de mais de um indivíduo para ser acionado. Comecei a chamar esse sistema de sobrescrita. Por motivos didáticos elaboramos uma compreensão do sistema em três etapas, três círculos:



Primeiro círculo: temos uma leitura silenciosa em que o leitor apenas conversa com aquele texto e mantém uma relação mais ou menos contida num espaço mais privado, longe das possibilidades de compartilhamento. Benjamin (1987), em “O narrador”, fala dessa leitura bem individual, associando à propagação do romance, e traz como comparação os narradores orais, que, com o processo de modernização, com a imprensa, etc., vão rareando em presença. Nesse caminho, a leitura vai assumindo um caráter de consumo. Na oralidade, a contação, o compartilhamento, instigam o recontar e modificam, sob os filtros das memórias, as narrativas recontadas, isso mantém em movimento o potencial criativo dos envolvidos, todos são um pouco autores daquelas histórias, e parte de cada um dos narradores vai ficando marcada na matéria artística daquilo que é compartilhado.



Por outro lado, na medida em que as situações de compartilhamento rareiam, dando lugar a uma maior presença de leitores silenciosos e solitários, as circunstâncias afastam esses leitores dos meios de produção de subjetividades, memórias, matéria criativa em forma de literatura. Isso cultiva, então, indivíduos que são postos numa posição mais passiva, consumista diante da arte, da expressão artística, literária, poética. Talvez a internet esteja tendo um papel um pouco ao inverso em relação ao do romance e da imprensa que o Benjamin aponta, podendo, talvez, servir de meio de retomada de poder sobre meios de produção subjetiva, poética, etc., mas esse não é o ponto a ser discutido aqui.

Segundo círculo: enquanto no primeiro círculo há um leitor solitário, no segundo há um mediador ou outro leitor com quem compartilhar a leitura. Durante o compartilhamento, como Conceição Evaristo (2011) registra na abertura de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, se referindo ao conceito de escrevivência: as histórias que a gente reconta, quase que passam a ser da gente, a gente se funde a elas, principalmente porque ao tentarmos recontar, a memória desliza, borra um pedaço da história, e a gente preenche, com a nossa voz, os buracos, deixando a nossa marca naquela matéria artística que passa por nós. O segundo círculo é do compartilhamento, a partir do qual os leitores renarram e reescrevem suas próprias narrativas de vida, se reconstróem enquanto indivíduos na medida em que se misturam à matéria expressiva.

Terceiro círculo: há um mediador ou outro leitor, um outro indivíduo. Esse outro ouve o compartilhamento do segundo círculo. E ao ouvir tem contato com uma outra história, uma outra expressão artística, não é mais aquela com a qual o primeiro leitor teve contato, é algo em movimento, que mistura vida e poesia, vida e arte, confundindo as fronteiras. É essa coisa emaranhada de arte-vida que chega àquele que ouve o compartilhamento. De posse disso, esse “ouvinte”, pode, tocado por essa desfronteira, também se reler, se reescrever, dobrar-se sobre a própria narrativa de

vida e sobresscrevê-la, ressignificar-se a partir, não mais só de uma obra literária num sentido mais restrito, de livro ou obra delimitada, mas da arte em movimento, com outro indivíduo ali, que provoca mais fundo a dissolução da arte na vida – aquele que compartilha se torna a própria obra artística, mas em movimento, uma obra viva.

Esse sistema que envolve a arte, dissolvida na vida e uma relação de compartilhamento de experiências expressivas, isso que estou chamando de terceiro círculo, que toma a arte enquanto movimento que só existe no compartilhamento, esse sistema é o que tenho chamado de sobrescrita.

O meu percurso de pesquisa de doutoramento tem como objetivo principal esboçar meios de se compreender o sistema de sobrescrita, entendendo esse sistema como processo que possibilita tanto a manutenção de equilíbrio psicológico e social humano, quanto caminhos de formação de leitores a partir de uma relação que privilegia lidar com o afeto, a memória, a subjetividade.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. *Obras escolhidas III*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 103-149.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- FARIA JR., Miguel. *Vinicius*. Direção de Miguel Faria Junior. Brasil, 2005, 110 min, Documentário.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34, 1992.
- LIMA, Sheila Oliveira; MELO, Henrique Furtado. A leitura literária como revivência e ressignificação subjetiva de um aluno-detento. *Revista Conexão UEPG*, v. 9, n. 2, jul.-dez. p. 312-323, 2013.

_____. Leitura literária e vivência criativa no espaço carcerário. *Via atlântica*, v. 28, dez. p. 293-309, 2015.

MELO, Henrique Furtado de. *Narrar e narrar-se, criar e criar-se: a Escrivivência de Conceição Evaristo como emancipação do corpo negro*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade PUC-SP*. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993.

